



O ÁLBUM ORÁCULOS: CRIANDO QUADRINHOS POÉTICO-FILOSÓFICOS INSPIRADOS NO I CHING

Edgar Silveira Franco¹

Resumo: O álbum em quadrinhos *Oráculos* reuniu 10 histórias em quadrinhos (HQs) curtas criadas pelo quadrinhista Edgar Franco (Ciberpajé) ao longo de 20 anos e publicadas inicialmente em revistas alternativas e fanzines. Essas HQs foram desenvolvidas inspiradas em 2 oráculos, 4 delas tendo como base hexagramas do oráculo milenar chinês I Ching, e 6 delas baseadas em arcanos maiores do Tarô. As HQs publicadas no álbum incluem as características basais do gênero poético-filosófico dos quadrinhos e um processo criativo peculiar. A unicidade de cada uma delas diz respeito à forma com que foram criadas unindo a resposta do Oráculo - após a sua consulta -, a relação de significado percebida pelo autor a partir de sua experiência de vida naquele momento -, e a geração de uma breve narrativa metafórica que conectou o sentido do oráculo com a transformação da realidade ordinária desejada pelo criador. Esse processo criativo diferenciado transforma a criação em um ato para além de catártico, um ato de autotransformação, caracterizando essas HQs como Quadrinhos Expandidos (FRANCO, 2017). Esse artigo conceitua os quadrinhos poético-filosóficos e apresenta os processos criativos das 4 HQs inspiradas no I Ching publicadas em *Oráculos*.

Palavras-chave: Histórias em Quadrinhos, Quadrinhos Poético-Filosóficos, Processo Criativo, I Ching

THE *ORÁCULOS* COMIC BOOK: CREATING POETIC-PHILOSOPHICAL COMICS INSPIRED BY THE I CHING

Abstract: The comic book *Oráculos* brought together 10 short comics created by the comic artist Edgar Franco (Ciberpajé) over 20 years and initially published in alternative magazines and fanzines. These comics were developed inspired by 2 oracles, 4 of them based on hexagrams of the ancient Chinese oracle I Ching, and 6

¹Edgar Franco é o Ciberpajé, um ser mutante como o Cosmos, em constante transmutação. Livre de dogmas e verdades, mago psiconauta pronto a experimentar a novidade, focado em viver o único momento que existe: o agora. Artista transmídia com premiações nas áreas de quadrinhos e arte e tecnologia. Criador do universo ficcional da Aurora Pós-humana com o qual tem realizado obras em múltiplas mídias e suportes como quadrinhos, ilustração, poesia, aforismo, conto, música, vídeo, cinema, animação, instalação, web arte, gamearte e performance. É um dos pioneiros brasileiros do gênero poético-filosófico de quadrinhos, e mentor da banda performática Posthuman Tantra e do Projeto Musical Ciberpajé. Pesquisador criador do termo HQtrônicas, autor de 4 livros acadêmicos e dezenas de artigos, pós-doutor em arte, quadrinhos e performance pela UNESP, pós-doutor em arte e tecnociência pela UnB, doutor em artes pela USP, mestre em multimeios pela UNICAMP, arquiteto e urbanista pela UnB. Desde 2008 atua como professor permanente do Programa de Mestrado e Doutorado em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás, em Goiânia. Desde 2011 coordena o Grupo de Pesquisa CRIA_CIBER na FAV/UFG. Sua obra artística tem sido estudada por pesquisadores do Brasil e do exterior de múltiplas áreas, tendo gerado 4 livros dedicados a ela, inúmeros artigos científicos, um dossiê completo para a revista acadêmica *Cadernos Zygmunt Bauman* (UFMA), além de TCCs, dissertações e teses que analisam diversos aspectos de suas criações. Blog "A Arte do Ciberpajé Edgar Franco": <http://ciberpaje.blogspot.com.br/>. E-mail para contato: ciberpaje@gmail.com.



of them based on major arcana of the Tarot. The comics published in the album include the basic characteristics of the poetic-philosophical genre of comics and a peculiar creative process. The uniqueness of each of them has to do with the way in which they were created by uniting the Oracle's response - after consulting it -, the relationship of meaning perceived by the author - with his life experience at that moment -, and the generation of a brief metaphorical narrative that connects the meaning of the oracle with the transformation of the ordinary reality desired by the creator. This differentiated creative process transforms creation into an act that goes beyond being cathartic, an act of self-transformation, characterizing these comics as Expanded Comics (FRANCO, 2017). This article conceptualizes poetic-philosophical comics and presents the creative processes of the 4 comics inspired by the I Ching published in *Oráculos*.

Keywords: Comics, Poetic-Philosophical Comics, Creative Process, I Ching

As HQs poético-filosóficas, reunidas pela primeira vez no álbum em quadrinhos *Oráculos*, foram criadas ao longo de vinte anos e publicadas em revistas alternativas e fanzines. Na primeira parte da edição apresento quatro HQs inspiradas nos hexagramas do oráculo milenar chinês I Ching, e na segunda parte seis HQs inspiradas nos arcanos maiores do Tarô. Essas histórias foram criadas após jogar o I Ching, ou sortear um dos arcanos maiores do Tarô, em momentos cruciais de minha vida, nos quais eu estava passando por uma experiência transformadora, tendo que tomar decisões importantes. As narrativas nasceram utilizando a essência simbólica do oráculo somando-a às minhas dúvidas e questionamentos do momento em que foram criadas, gerando metáforas de autotransformação e transcendência, encarando o processo criativo como um processo curativo na busca de minha integralidade de ser. Para mim a arte é um processo ritual introspectivo e frutivo e como artista assumo as HQs como uma legítima forma de arte e expressão autoral que tem como objetivo principal a transmutação do seu criador. Dediquei o álbum em quadrinhos *Oráculos ao Cosmos*, o grande mistério insondável, de onde vim, para onde vou, e o que sou. Fui considerado pelo pesquisador Dr. Elydio dos Santos Neto (2013) como um dos pioneiros e principais representantes do gênero brasileiro de quadrinhos denominados poético-filosóficos, caracterizado pela intenção filosófica deliberada, pelo texto mais afinado com a poesia do que com a prosa, pela exploração experimental do traço e enquadramento, e pela brevidade das narrativas



(SANTOS NETO, 2011). As HQs editadas em Oráculos caracterizam-se dentro do gênero genuinamente brasileiro de quadrinhos chamado de gênero poético-filosófico, na sequência conceituarei esse singular gênero das HQs e tratarei do processo criativo das 4 primeiras HQs publicadas no álbum, elas foram diretamente inspiradas por hexagramas do I Ching.

Quadrinhos poético-filosóficos: mais do que um gênero, uma forma autoral e genuína de criação

As HQs de autor, ou seja, a produção de quadrinhos que caracterizo como arte, diferenciam-se da produção comercial criada com o objetivo de entreter e lucrar. Os quadrinhos autorais caracterizam-se por refletirem o ideário do autor, além disso exploram o potencial da linguagem dos quadrinhos, apresentam traço pessoal, narrativas mais complexas e geralmente são desenvolvidas por um único criador que escreve o roteiro e se encarrega dos desenhos, ocorrendo, esporadicamente, casos de HQs autorais feitas em parceria por roteiristas e desenhistas. Esses trabalhos se diferenciam enormemente do dito quadrinho comercial, ou seja, a produção de quadrinhos destinada a suprir a demanda de mercado e comprometida apenas com o lucro e com as ondas de consumo que se sucedem intermitentemente. Obviamente existem casos isolados de obras criadas para os grandes estúdios de quadrinhos que mantêm as características expressivas autorais de seus criadores (FRANCO, 2017, p.13-14).

Os ditos quadrinhos comerciais são encomendados pelos grandes estúdios, feitos por equipes, numa linha de produção que envolve diversas etapas. Seguem regras ditadas pela editora e têm prazos rígidos para produção, impressão e distribuição. Nessas HQs o que geralmente importa é a personagem e nunca o autor que está criando a narrativa. Não há pesquisa de linguagem, os roteiros são cheios de clichês e o desenho procura copiar o padrão vigente da época. Obviamente os quadrinhos autorais insurgem-se contra esse modelo tradicional e comercial de pensar essa linguagem singular, aproximando-a dos conceitos de autoexpressão artística e poética. Meu trabalho como quadrinhista sempre esteve afinado com a



autoralidade e a arte.

Minha atuação como artista transmídia iniciou-se aos 12 anos de idade produzindo quadrinhos para fanzines. Ao longo de 40 anos essa produção criativa ampliou-se e diversificou-se envolvendo outras expressões e linguagens como música, performance, poesia, conto, vídeo, cinema, HQtrônica, web arte, instalação, entre outras. Assim, desde o fim de minha graduação em Arquitetura e Urbanismo na UnB, em Brasília – tenho atuado como artista e pesquisador nas áreas de histórias em quadrinhos, arte e tecnologia, narrativas híbridas e hipermídia e desenho - publicando dezenas de artigos em livros e periódicos acadêmicos, apresentado minhas pesquisas, há mais de vinte e cinco anos, em congressos e eventos no Brasil e exterior (FRANCO, 2017, p.16). Já recebi várias premiações nacionais nas áreas de arte e tecnologia, quadrinhos e ficção científica, e em 2022 fui premiado com o Troféu Angelo Agostini de Mestre do Quadrinho Nacional, uma distinção dada a quadrinhistas nacionais com ao menos 25 anos de contribuições significativas para a HQ brasileira.

Durante minha trajetória acadêmica e artística tenho defendido a linguagem das histórias em quadrinhos como uma forma genuína de expressão artística. Incentivando o seu ensino nas abordagens teórica e prática em cursos de licenciatura e bacharelado em artes visuais. Tive a iniciativa de criar a disciplina “Histórias em Quadrinhos de Autor” na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, onde sou professor efetivo e também oriento pesquisas de mestrado e doutorado no Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual, na linha de pesquisa Poéticas Artísticas e Processos de Criação, já tendo orientado mais de 15 teses e dissertações envolvendo o estudo de processos criativos de quadrinhos (FRANCO, 2017, p.18). Batizei os quadrinhos que faço a partir de suas singularidades conceituais, estéticas e poéticas de quadrinhos Poético-filosóficos. Ainda em 1997 publiquei um artigo de minha autoria intitulado “Panorama dos Quadrinhos Subterrâneos no Brasil”, o seu objetivo e escopo eram:

Apresentar a produção de histórias em quadrinhos nos fanzines brasileiros da atualidade, enfatizando principalmente os quadrinhistas de cunho autoral e ou aqueles que apresentam uma produção mais constante e profícua. Para tanto foram observados e



analisados o maior número de fanzines possível, principalmente os títulos mais conhecidos a partir da década de noventa, separando os artistas em grupos, segundo tendências evidenciadas em seus trabalhos (FRANCO, 1997, p.51).

Foram analisados 400 fanzines de todas as regiões do país para a realização da pesquisa que gerou o artigo, no intervalo de 1989 a 1995. Para sistematizar a análise, os quadrinhistas foram divididos em linhas, observando semelhanças de linguagem, afinidades estilísticas e temáticas. As linhas foram nomeadas de: Poético-Filosófica, Expressionista, Visceral-Macabra, e Tradicional. Surgiu então o termo “quadrinhos poético-filosóficos” que posteriormente batizaria esse gênero de quadrinhos, e já foi descrita ali a primeira definição para ele:

Linha Poético-Filosófica – Quadrinhistas que passam deliberadamente mensagens filosóficas e questionamentos existenciais em seus trabalhos, muitas vezes lançam mão de textos poéticos de sua autoria ou de outrem como roteiro para suas HQs. Nem sempre têm compromisso com a linearidade da narrativa, além disso, são caracterizados por muito experimentalismo no enquadramento e no traço (FRANCO, 1997, p.54).

Dentre as linhas propostas no artigo, a poético-filosófica destacava-se pela diversidade de seus criadores e por ser uma das mais profícuas. Ao batizar o gênero utilizei o conceito de poética na visão aristotélica de devir – diretamente conectada ao contexto filosófico – de possibilidades de vir a ser, mas também no sentido de poíesis como “o ato criativo”, assim em meu entender a somatória de devir e criação é igual a “poética”.

Não é ofício do poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer, o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso ou prosa (...) diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e o outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente ao universal, e esta ao particular. (ARISTÓTELES, 1987, p.209).

O termo “quadrinhos poético-filosóficos” consolidou-se como forma de batizar esse singular gênero de quadrinhos na pesquisa de pós-doutorado de Elydio



dos Santos Neto, realizada no Instituto de Artes da Unesp, em São Paulo, e intitulada “As Histórias em Quadrinhos poético-filosóficas no Brasil: contextualização histórica e estudo das interfaces educação, arte e comunicação” (2010). Em artigo escrito em 2009, Santos Neto já apontava quais as características definidoras do gênero:

São, portanto, três as características que principalmente definem uma história em quadrinhos poético-filosófica: 1. A intencionalidade poética e filosófica; 2. Histórias curtas que exigem uma leitura diferente da tradicional; 3. Inovação na linguagem quadrinhística em relação aos padrões de narrativas tradicionais nas histórias em quadrinhos. Quando se fala de intencionalidade poética aqui é no sentido sugerido por Edgar Franco, que se referenciou no pensamento de Aristóteles, isto é, um olhar que, sem perder completamente o pé do chão presente e estando aberto aos influxos criativos da imaginação, consegue vislumbrar as coisas que ainda não são e trazê-las para a fruição e reflexão do leitor ou leitora. (...) Quando se fala de intencionalidade filosófica a referência é ao desejo, que explicitam os autores poético-filosóficos, de provocar uma reflexão mais profunda sobre a condição humana em seus leitores e leitoras e, para isso, compartilham suas visões sociais, oníricas, subjetivas, cósmicas, políticas e espirituais por meio da linguagem dos quadrinhos (SANTOS NETO, 2009, p.90).

O pesquisador Santos Neto (2009) também ressalta que por suas singularidades únicas, mesmo sofrendo influências de certas vertentes do quadrinho autoral europeu, o gênero poético-filosófico de quadrinhos é um fenômeno da arte sequencial genuinamente brasileiro (FRANCO, 2017, p22-23). Essas singularidades têm despertado cada vez mais os pesquisadores das áreas de artes, comunicação e educação a estudarem o gênero a ponto da editora Marca de Fantasia criar a coleção de livros teóricos acadêmicos Quadrinhos Poético-filosóficos que já conta com 13 títulos, dentre eles alguns que enfocam a minha produção quadrinhística: Os quadrinhos poético-filosóficos de Edgar Franco: textos, HQs e entrevistas (2012), de Elydio dos Santos neto; Edgar Franco e suas criaturas no Banquete de Platão (2012), de Nadja Carvalho; Processos criativos de Quadrinhos Poético-filosóficos: a revista Artlectos e Pós-humanos (2015), de Edgar Franco e Danielle Barros; Quadrinhos Expandidos: das HQtrônicas aos plug-ins de neocortex (2017), de Edgar Franco; Conversas com o Ciberpajé: vida, arte, magia e transcendência (2019), de Edgar Franco e Danielle Barros; Agarthas: símbolos e mitos nos quadrinhos poético-



filosóficos (2018), de Danielle Barros; *Artlectos e Pós-Humanos: da Aurora Pós-Humana às novas configurações sociais* (2020), de Giovane Corrêa Rojas; e *Hipermodernidade e representações artísticas: o binarismo em André Sant'Anna e Edgar Franco* (2023), de Ellen Caetano da Silva.

Oráculos: criando quadrinhos oraculares inspirados pelo I Ching

Desde muito jovem, ainda na pré-adolescência, iniciei meu interesse pelos oráculos. A princípio incentivado por meu pai que gostava muito do I Ching e tinha uma edição incrível da Editora Pensamento do livro *I Ching – O Livro das Mutações* (WILHELM, 1984), com tradução diretamente do alemão que teve como base a versão original chinesa. A obra foi traduzida e comentada pelo sinólogo Richard Wilhelm, e inclui o prefácio da edição inglesa escrito por C. G. Jung. A edição é de 1984, e logo que meu pai adquiriu o livro, eu tinha 12 anos, fomos “jogar” o I Ching utilizando moedas para chegarmos aos hexagramas. Para um menino de 12 anos, os textos do livro poderiam ter certo hermetismo ou serem considerados complexos, mas como eu já era um ávido leitor, não os achei difíceis, e saliento que nessa época eu já fazia minhas primeiras histórias em quadrinhos, iniciando minha publicação em fanzines. Depois de “jogar o I Ching” inúmeras vezes com meu pai, passei a fazê-lo também sozinho, achava o ato de chegar a um hexagrama divertido e ler a mensagem trazida por ele algo curioso e que já nesse tempo levava-me a refletir sobre aspectos da minha vida. Lembro que cheguei a jogar para alguns amigos, mas eles se mostraram desinteressados e segui fazendo-o para mim até a vida adulta.

Em 1985 comprei na banca uma versão simplificada do I Ching lançada pela Editora Abril e que tinha como brinde dois belos dados oitavados, um azul e um vermelho, com os trigramas do oráculo milenar em suas faces. O livreto intitulado “Dados Chineses da Sorte” acompanhava os dados e trazia os 64 hexagramas do I Ching resumidos nele, desde então passei também a utilizar esses dados para fazer meus jogos de I Ching, e utilizo-os eventualmente até hoje, depois de 38 anos que os adquiri na banca de revista de minha cidade, Ituiutaba, em Minas Gerais. Vendo meu



interesse sempre renovado pelo I Ching, meu pai presenteou-me com a edição da Editora Pensamento que está comigo até hoje, e mesmo tendo adquirido outras edições e versões da obra ao longo dos anos, ainda tenho como fonte primeva de minhas consultas essa primorosa edição de Richard Wilhelm. É importante destacar que o I Ching é um legado cultural fundamental da história chinesa, e para além de ser um oráculo, o livro é também um dos tratados filosóficos mais importantes da cultura chinesa, como destaca Richard Wilhelm (1984, p.3):

O Livro das Mutações - I Ching em chinês - é, sem dúvida, uma das mais importantes obras da literatura mundial. Sua origem remonta a uma antiguidade mítica, tendo atraído a atenção dos mais eminentes eruditos chineses até os nossos dias. Tudo o que existiu de grandioso e significativo nos três mil anos de história cultural da China ou inspirou-se nesse livro ou exerceu alguma influência na exegese do seu texto. Assim, pode-se afirmar com segurança que uma sabedoria amadurecida ao longo de séculos compõe o I Ching. Não é, pois, de estranhar que essas duas vertentes da filosofia chinesa, o Confucionismo e o Taoísmo, tenham suas raízes comuns aqui. Esse livro lança uma nova luz em muitos segredos ocultos no modo de pensar tantas vezes enigmático desse sábio misterioso, Lao-tse e seus discípulos. O mesmo ocorre em relação a muitas ideias que surgem na tradição confucionista como axiomas aceitos sem serem devidamente examinados. Na realidade, não apenas a filosofia da China mas também sua ciência e arte de governar sempre buscaram inspiração na fonte de sabedoria encontrada no I Ching, não sendo, por isso, motivo para surpresa que apenas este dentre todos os clássicos confucionistas tenha escapado à grande queima de livros ocorrida no período de Ch'in Shih Huang Ti. Mesmo os aspectos mais simples da vida cotidiana da China estão embebidos de sua influência.

A utilização oracular do I Ching envolve um sistema simbólico e codificado baseado inicialmente em sim e não, através de uma linha contínua, ou uma linha quebrada, que se desdobra para um sistema triádico com três linhas formando os chamados trigramas e que se desdobra em oito trigramas, o método envolve a conexão entre dois trigramas que gera um hexagrama, o conjunto de possibilidades diversas compõe então os 64 hexagramas do milenar oráculo. É importante destacar que os oito trigramas envolvem uma síntese universal de elementos simbólicos da existência, como destaca Wilhelm (1984, p.5):



Esses oito trigramas foram concebidos como imagens de tudo o que ocorre no céu e na terra. Sustentava-se também que eles sempre se acham num estado de contínua transição, passando de um a outro, assim como uma transição sempre está ocorrendo, no mundo físico, de um fenômeno para outro. Aqui se tem o conceito fundamental do Livro das Mutações. Os oito trigramas são símbolos que representam mutáveis estados de transição. São imagens que estão em constante mutação. Focalizam-se não as coisas, em seus estados de ser — como acontece no Ocidente -, mas os seus movimentos de mutação. Os oito trigramas, portanto, não são representações das coisas enquanto tais, mas de suas tendências de movimento. Essas oito imagens vieram a adquirir múltiplos significados.

Os 64 hexagramas são o desdobramento com entrecruzamentos simbólicos desses 8 trigramas nomeados como: Chi'ien, o Criativo; K'un, o Receptivo; Chên, o Incitar; K'an, o Abismal; Kên, a Quietude; Sun, a Suavidade, Li, o Aderir e; Tui, a Alegria.

De modo a abranger uma multiplicidade ainda maior, essas oito imagens, numa data muito remota, foram combinadas uma com as outras, quando então se obteve um total de 64 signos. Cada um desses signos consiste de seis linhas positivas ou negativas. Cada linha é considerada como sendo passível de mudança, e sempre que uma linha muda toda a situação representada pelo hexagrama muda também (WILHELM, 1984, p.6).

Depois de algumas questões conceituais sobre o I Ching, reitero que o oráculo acompanhou-me durante toda minha jornada de vida e creio seguirá acompanhando até a minha morte. Lembro-me que ainda nos anos 80 cheguei a utilizar o I Ching como meio para auxiliar-me na condução de roteiros para algumas de minhas histórias em quadrinhos, mas fazia isso de forma diletante e as narrativas não tinham uma ligação direta com o hexagrama em questão. A partir da segunda metade da década de 90, já com meu traço estilizado maduro e com o conceito de quadrinhos poético-filosóficos proposto por mim para batizar o que eu e alguns amigos quadrinhistas estávamos fazendo, iniciarei um processo de criar algumas HQs diretamente inspiradas pelos hexagramas do I Ching, motivo desse artigo, e também por arcanos maiores do Tarô, que serão abordadas em um próximo artigo.

No época da criação dessas HQs oraculares os meus estudos de magia já estavam ampliando-se e eu passei a encarar meus processos criativos como ações



mágickas de autotransmutação, ou seja, no caso do I Ching o objetivo direto da criação da HQ era interpretar de forma metafórica o sentido do hexagrama para mim e através do ato criativo introjetá-lo em meu self para gerar uma transformação em minha percepção da realidade ordinária. Um verdadeiro ato artístico-mágicko de autotransmutação do ser. Com essa metodologia desenvolvida e definida por mim, passei a criar essas singulares narrativas em quadrinhos só em momentos cruciais de dúvidas existenciais e questionamentos filosóficos, recorrendo inicialmente ao oráculo, para então chegar a um hexagrama e transformá-lo em uma história em quadrinhos que dialogasse com o sentido do seu conteúdo para a minha visão da realidade e do questionamento interior que provocou todo o processo. Utilizando assim a arte como uma forma de cura. Arte como cura interior. Para o álbum em quadrinhos Oráculos, selecionei 4 dessas HQs que considerei importantes pelo impacto que tiveram na percepção da realidade para mim, e nas transformações biopsicossociais que causaram em meu ser. Também são obras representativas do meu traço e das singularidades expressivas do quadrinho poético-filosófico desenvolvido por mim. As 4 HQs incluem texto poético, sem uso de balões de fala, e apresentam universos ficcionais fantásticos, com clima onírico e personagens humanoides, que podem ser interpretados como extraterrestres, elementais, entidades espirituais, ou outras alcunhas que situam as narrativas em territórios que tangenciam os gêneros da ficção científica, da fantasia, do terror e do misticismo. Tratarei brevemente aqui dos processos criativos das quatro HQs, na ordem que foram publicadas no álbum Oráculos: A Estagnação, A Reação, O Desenvolvimento, e A Oposição.

A HQ A Estagnação tem 8 páginas (Figuras de 1 a 8) e surgiu a partir de um momento crucial de minha vida, quando precisava tomar decisões fundamentais a respeito da carreira e no campo afetivo. Eu havia concluído a minha graduação em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília e estava noivo. Joguei o I Ching e deparei-me com o hexagrama 12, chamado Pi / A Estagnação, formado pelo trigramma superior Chi'ien, e pelo trigramma inferior K'un. O introito do texto desse hexagrama na tradução de Wilhelm (1984, p.61) diz:

Este hexagrama é o oposto do precedente. O céu está acima,



retirando-se cada vez mais, enquanto a terra abaixo mergulha nas profundezas. Os poderes criadores estão dissociados. É a época da estagnação e do declínio. Esse hexagrama é atribuído ao sétimo mês (agosto-setembro), quando o ano já ultrapassou seu zênite e o declínio outonal advém.

Além desse trecho inicial li detidamente todo o texto analítico sobre Pi, nessa e em outra sessão do livro, inclusive consultando outros volumes. A leitura repetida do hexagrama durante 3 dias e um tempo de meditação sobre seus significados para a minha experiência de vida naquele momento deflagraram a criação da narrativa.

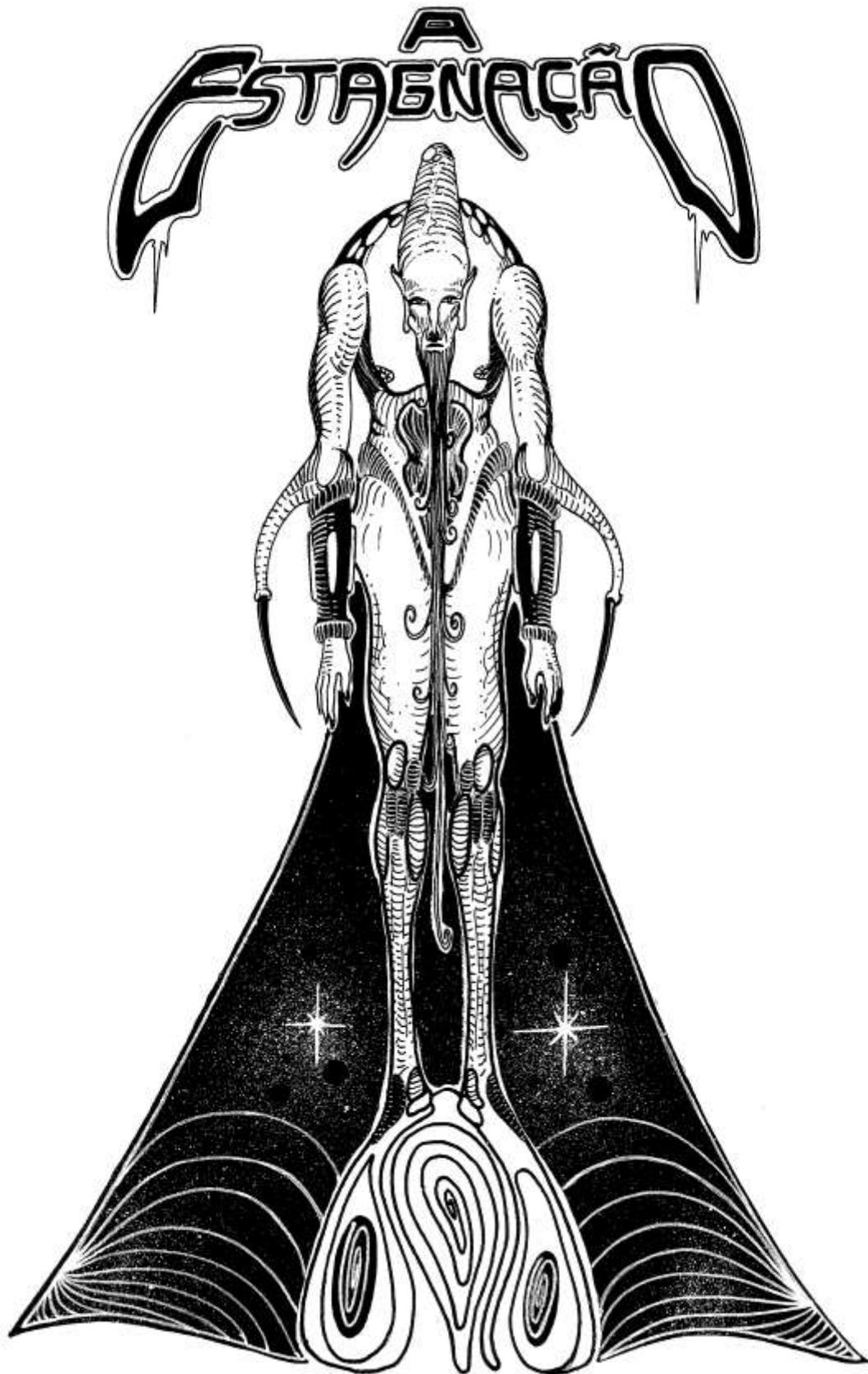


Figura 1 – Página 1 da HQ A Estagnação, de Edgar Franco (Ciberpajé), arquivo do artista.



Figura 1 – Página 2 da HQ A Estagnação, de Edgar Franco (Ciberpajé), arquivo do artista.



Figura 3 – Página 3 da HQ A Estagnação, de Edgar Franco (Ciberpajé), arquivo do artista.



Figura 4 – Página 4 da HQ A Estagnação, de Edgar Franco (Ciberpajé), arquivo do artista.

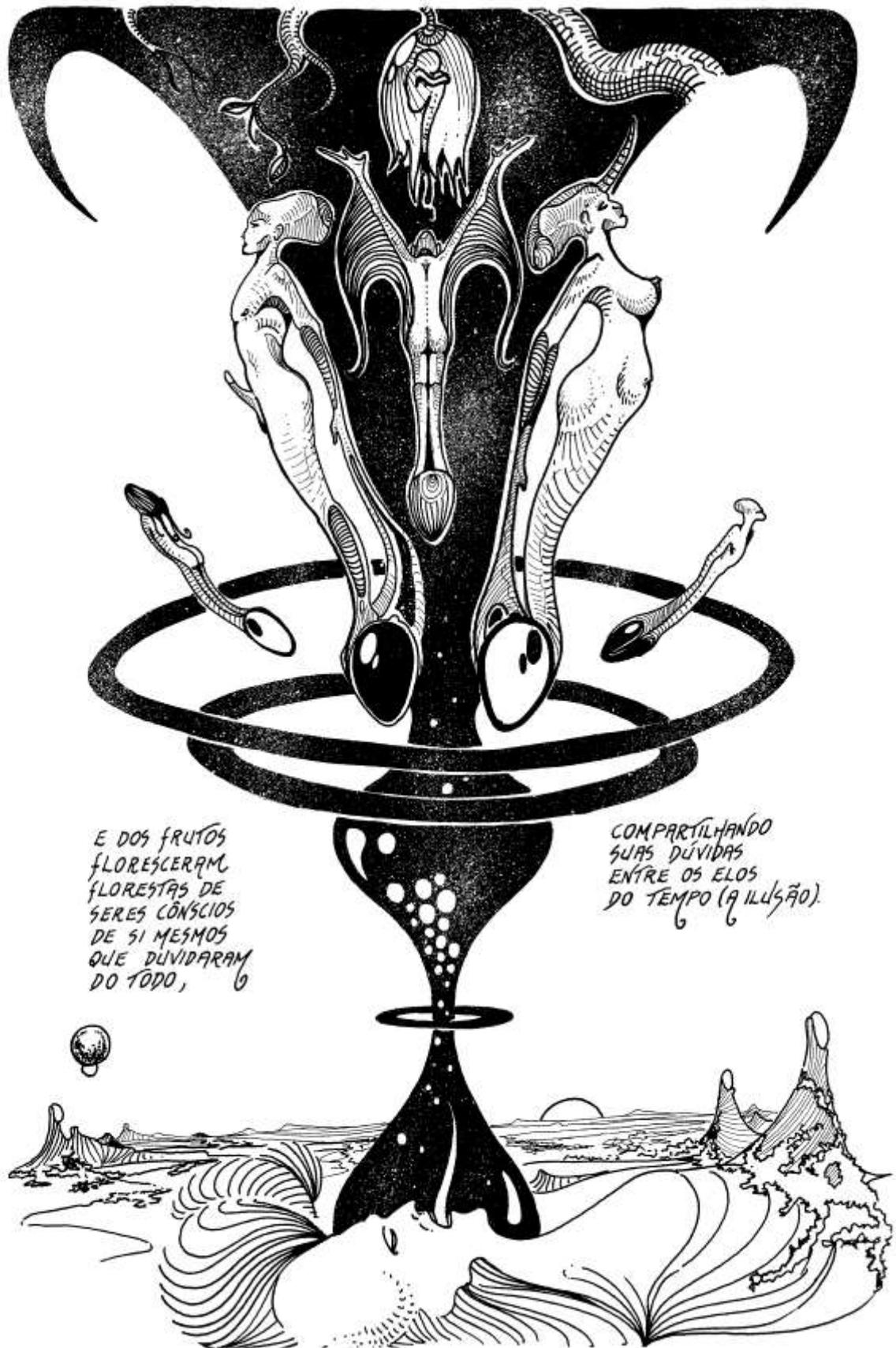


Figura 5 – Página 5 da HQ A Estagnação, de Edgar Franco (Ciberpajé), arquivo do artista.



GAYA GERMINOU
AS SEMENTES
ESCARRADAS
PELO
VENTO...

Figura 6 – Página 6 da HQ A Estagnação, de Edgar Franco (Ciberpajé), arquivo do artista.



E DOS FRUTOS
FLORESCERAM
FLORESTAS DE
SERES CÔNCIOS
DE SI MESMOS
QUE DUVIDARAM
DO TODO,

COMPARTILHANDO
SUAS DÚVIDAS
ENTRE OS ELOS
DO TEMPO (A ILUSÃO).

Figura 7 – Página 7 da HQ A Estagnação, de Edgar Franco (Ciberpajé), arquivo do artista.

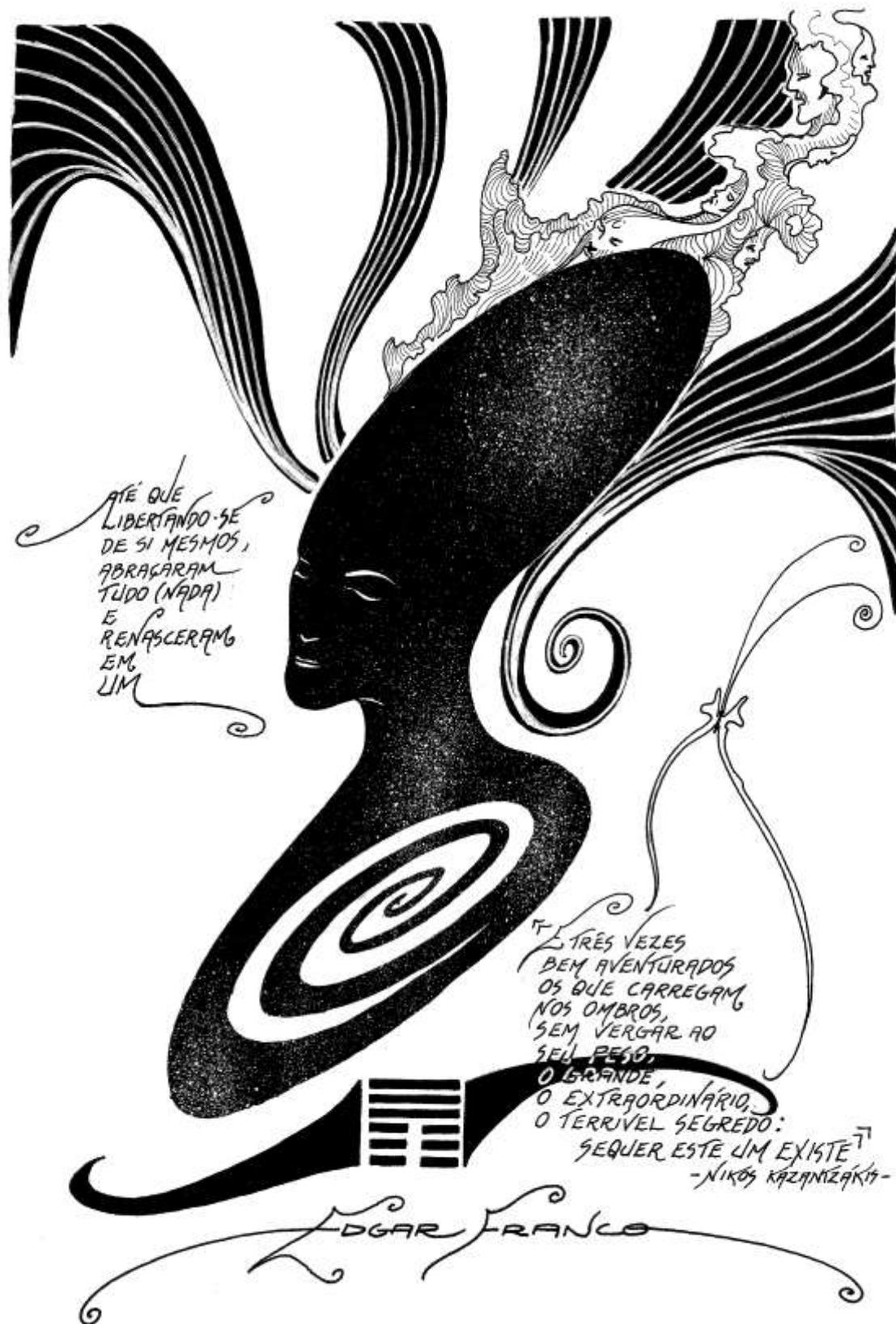


Figura 8 – Página 8 (final) da HQ A Estagnação, de Edgar Franco (Ciberpajé), arquivo do artista.



Ela surgiu do desenho de uma criatura humanoide de pé sobre uma espécie de pedra, em posição estática, braços estendidos para baixo, costas curvadas e olhar estático fixando o leitor, esse desenho foi o ponto de partida para imaginar a história. A narrativa buscou representar um drama cósmico a partir da experiência existencial do ser em questão, obviamente trata-se de meu alter ego representado nessa metáfora autobiográfica de autotransformação. A figura do ser abre a HQ com o título sendo o nome do hexagrama “A Estagnação”, na segunda página eu mostro o mesmo ser estático sobre a rocha, mas agora com as duas mãos na cabeça, em uma imagem que remete à estagnação, mas também à melancolia e dor. Na segunda imagem da página 2 é possível ver um pequeno feto dentro do crânio do ser sendo perfurado por um prego, essas imagens também fruíram livremente de meu inconsciente em um transe artístico e foram germinadas pelas sensações causadas pelo texto do hexagrama mixadas às minhas experiências de vida no momento da criação. A segunda página apresenta um texto poético que reafirma o drama astral do ser, e questionamentos existenciais: *“No Cume do universo, diante do caos, estagnou-se. Absorvendo a dor de todas as coisas, perscrutou a aparente inutilidade de seus atos passados.”*

Nas duas páginas seguintes, a 3 e a 4, eu vou dando um zoom aproximando-me da face do ser, e mostrando que ele chora, sendo que na quarta página suas lágrimas formam um quadrinho ovoide onde já o represento como um esqueleto sobre a rocha, e borboletas fantasmáticas fluem dele. Representei nela a transição da estagnação para o estado de morte – aparentemente também um estado estagnado. O texto poético dialoga com as imagens dando-lhes uma nova dimensão: *“E chorou por não compreender a coreografia rebuscada e bela da eterna performance encenada pelo bem e pelo mal. A estagnação provou ser só uma ilusão quando tornou-se morte.”*

Nas páginas 5 e 6 apresento uma imagem simbólica e icônica de Gaya, a Mãe Suprema, a biosfera cósmica representando a superação do tempo outonal de que trata o hexagrama, pois o nigredo da morte e do corpo putrefato é tragado/sorvido por ela. Seu corpo nu está conectado ao solo, e de sua vulva nasce um planeta, a Terra, enquanto ao fundo vemos uma imagem como espermatozoides navegando no etéreo. Na página 6, da boca e da vagina de Gaya surgem plantas, e



dessas plantas frutos que representam fetos vivos, do mesmo tipo daquele que aparecia trespassado na cabeça do primeiro personagem. Essas duas páginas representam a superação da estagnação pelo ciclo complexo e contínuo da vida, o texto poético reafirma isso: *“A morte alimentou Gaya. Gaya germinou as sementes escarradas pelo vento.”*

As duas páginas finais da HQ, a 7 e a 8, fecham o caráter épico desse curto drama cósmico. Na página 7 represento o surgimento da espécie humana com o rompimento dos frutos da árvore que nasceu de Gaya e o surgimento de vários seres fruindo em uma espécie de ampulheta astral, retratando o fluxo temporal incessante que impede a estagnação mas ao mesmo tempo é colocado em xeque por ser uma ilusão no contexto da eternidade universal. O texto dessa página diz: *“E dos frutos floresceram seres cômicos de si mesmos que duvidaram do todo, compartilhando suas dúvidas entre os elos do tempo (a ilusão)”*. A página final mostra a cabeça e o peito de um ser humanoide com uma galáxia e milhares de estrelas compondo-o. Nesse final trago uma reflexão sobre a unidade cósmica, e o texto diz: *“Até que libertando-se de si mesmos, abraçaram tudo (nada) e renasceram em um.”* A HQ conclui-se com o símbolo do hexagrama desenhado abaixo do busto e uma frase do autor grego Nikos Kazantzákis: *“E três vezes bem aventurados os que carregam nos ombros, sem vergar ao seu peso, o grande, o extraordinário, o terrível segredo: sequer este um existe.”*

Em “A Estagnação” a narrativa que criei a partir da inspiração pelo I Ching me fez reavaliar o meu papel no mundo e adentrar em questões densas sobre o significado da existência, meus valores e o sentido do viver. O ato de criar a HQ teve um profundo impacto em minha realidade ordinária, transformando a minha percepção do momento pelo qual estava passando e agindo em minha psique como um verdadeiro ato mágico de transmutação.

“A Reação” é uma HQ curta, de apenas 4 páginas, que foi deflagrada por um jogo de I Ching em um momento delicado de reavaliação de minha conexão com alguns amigos que até aquele momento participavam muito de minha vida cotidiana. O hexagrama que deflagrou-a foi o de número 18, chamado de Ku /O Trabalho Sobre o que se Deteriorou. Lembro de ficar muito impressionado com o resultado dessa consulta ao oráculo, pois pareceu-me muito conectada ao que eu estava



vivenciando. O trecho inicial do livro resume o contexto do hexagrama:

O ideograma chinês Ku representa uma tigela em cujo conteúdo proliferam vermes. Isso significa o que se deteriorou. Isso ocorreu porque o suave indiferençado trigramma inferior uniu-se à rígida inércia do trigramma superior, resultando em estagnação. Como isso implica em culpa, tal condição exige a remoção da causa. Por isso o significado do hexagrama não é simplesmente "o que se deteriorou" e sim TRABALHO SOBRE O QUE SE DETERIOROU (WILHELM, 1984, p.76).

Depois de refletir alguns dias sobre o significado do hexagrama 18 para mim, iniciei o processo de criação da HQ. O seu título veio diretamente de um outro texto do I Ching resumido que chamava o hexagrama de "A Reação", achei o termo impactante e que simbolizava bem o trabalho interno sobre o que se deteriorou. Na narrativa me propus a tratar da conexão entre seres que viviam em simbiose, amigos conectados que passam por uma experiência transformadora. Metaforizei essa conexão fazendo com que os dois seres, um de características humanas e o outro um pequeno golem, estivessem conectados biologicamente, nesse caso o menor vive sentado sobre a cabeça do maior e está como que preso a ele.

Nas duas páginas iniciais da HQ (Figura 9) que também se conectam de maneira fruída como em um grande quadro único, mostro que os dois foram gestados unidos e que viveram durante um longo tempo uma bela relação harmônica, em que se amavam e estavam afinados em simbiose em suas atividades de vida. O texto que acompanha essas páginas reforça essa profunda conexão dos personagens: *"Estiveram sempre unidos, como inatos simbiontes. Sua música soava como suas vidas, em uníssono."*



Figura 9 – Páginas 1 e 2 da HQ A Reação, de Edgar Franco (Ciberpajé), arquivo do artista.

Nas duas páginas finais (Figura 10) que também conectam-se esteticamente, eu apresento o personagem menor, a criatura, morrendo nos ombros de seu companheiro, e depois a sua dor diante do cadáver do seu amigo. Na imagem final aparece a reconfiguração da percepção do que significou a relação, valorizando o ciclo que viveram e reavaliando o sentido do seu final. O personagem usa o chifre e o crânio de seu amigo para tocar uma música e as notas musicais são borboletas. O texto dessas duas páginas diz: *“Mas o tempo passou mais rápido para um deles. E por décadas a música emudeceu. Para renascer renovada em uma nova simbiose, fênix sonora.”* A HQ, como todas dessa série, tem na página final o desenho do hexagrama que a inspirou.



Figura 10 – Páginas 3 e 4 (final) da HQ A Reação, de Edgar Franco (Ciberpajé), arquivo do artista.

A metáfora narrativa gerada a partir do hexagrama 18 me fez reavaliar o fluxo das relações com pessoas pelas quais sentimos afeto, pois muitas vezes nossos caminhos podem tornar-se dissonantes, e quando isso acontece é importante termos sobriedade para reavaliarmos o sentido daquele relacionamento para nós, e em certos casos decretar a sua morte, mas não de uma maneira agressiva e sofrida, e sim compreendendo que o ciclo cumpriu-se e a vida segue, aberto a criar novas conexões e guardando com amorosidade as experiências positivas que aquela relação passada trouxe.

A terceira HQ criada a partir do Livro das Mutações e publicada no álbum em quadrinhos Oráculos foi “O Desenvolvimento”. Ela é o fruto de um momento conturbado de minha vida quando parecia que meus planos e projetos não iriam concretizar-se, uma descrença em relação ao fruto de meus contínuos esforços para ser selecionado em um programa de mestrado parecia querer instalar-se em meu



coração, entre outras dificuldades no âmbito das pretensões profissionais. A resposta do I Ching para minha questão foi o hexagrama 53 - Chien / Desenvolvimento (Progresso Gradual). Mais uma vez fui impactado pelas reflexões que Chien trazia, eis a abertura síntese do hexagrama 53 no livro:

ESTE Hexagrama se compõe de Sun (madeira, o penetrante; acima, isto é, no exterior, e Kên (a montanha, quietude) abaixo, isto é, no interior.⁶² Uma árvore na montanha se desenvolve devagar, segundo as leis de sua natureza, e assim mantém-se firmemente enraizada. Isso sugere a ideia de um desenvolvimento que avança gradualmente, passo a passo. Os atributos dos trigramas também indicam o mesmo: a tranquilidade interior que protege contra atitudes precipitadas e a penetração exterior que possibilita o desenvolvimento e o progresso (WILHELM, 1984, p.164).

Refleti alguns dias sobre os significados para as minhas questões existenciais e surgiu em minha mente a imagem de uma criatura anciã que tocava uma flauta e tinha como missão encantar a semente de uma belíssima flor. Parti então para desenhar tal criatura humanoide, envolvida em um longo manto e com protuberâncias na cabeça erguida tocando uma finíssima flauta segurada por uma das mãos enquanto outra segura uma flor. Essa arte abre a HQ e apresenta seu título ao fundo “O Desenvolvimento”. A segunda página (Figura 11), das 6 que compõem a narrativa, apresenta o ser humanoide velho com uma longa barba entregando a flauta para um menino de sua espécie, no quadro seguinte temos o menino já adulto tocando a flauta em um precipício para o que parece ser um singelo e pequeno altar, o texto poético dessa página diz: *“Era o sétimo guardião a tocar a flauta para encantar a semente que não veria florescer.”*

A página 3 mostra o ser acordando alegre e sereno para mais um dia de sua sina eterna de vida, tocar a flauta para encantar a semente, e na sequência temos uma cena noturna com ele tocando a flauta já na madrugada, ou seja, por horas e horas ininterruptas. O texto da página diz: *“Acordava sorrindo todas as manhãs, tocava para a semente até o raiar da madrugada. Fantasiava o dia em que seu tetraneto veria a flor que tinha a beleza de 11 sóis e o odor da luz essencial.”* O texto especifica tratar-se de uma missão cujo objetivo final não será usufruído pelo ser, mesmo assim as imagens mostram que ele realiza sua missão com alegria, empenho e foco.



Figura 11 – Página 2 da HQ A Reação, de Edgar Franco (Ciberpajé), arquivo do artista.

A página 4 apresenta na lateral esquerda uma imagem simbólica mostrando



as várias fases da vida do ser, desde a tenra infância, passando pela idade adulta, chegando à velhice e finalmente à morte. Em todas as fases ele mostra-se sereno e focado em sua missão, na fase da velhice temos o único balão de fala da HQ, quando ele diz *“Os ventos foram minhas únicas dificuldades”*. Na parte baixa da página temos a sequência com o idoso ser beijando carinhosamente a mão de uma bela dama representando a morte com uma foice enorme na mão e o seu neto já está com a flauta na mão despedindo-se do avô com um aceno de mão. O texto da página segue: *“Morreu em paz para ser substituído por seu filho, e por seu neto e bisneto.”*

A página 5 mostra a metáfora do ser tocando a flauta e sendo trespassado por um relógio, simbolizando o fluxo das eras. O texto diz: *“Mil e novecentos anos se passaram...”* Então na página 6 temos o desfecho da jornada épica através das eras, um dos seres está diante da flor, tocando-a, e ela tem a aparência de uma galáxia, em sua cabeça surgem vários olhos – como se fossem os olhos de seus ancestrais e ele sorri levemente ao experienciar a beleza da flor cósmica. O texto conclui: *“Numa manhã azul a flor nasceu. Ele vislumbrou-a com os olhos de todos os seus antepassados pelos breves momentos que ela viveu. Percebendo que todo o sacrifício tinha valido a pena, sorriu o sorriso eterno.”* No manto do ser eu desenhei o hexagrama Chien.

A transformação interna produzida em mim pela criação dessa narrativa metafórica que emergiu do I Ching, guarda ecos profundos no meu ser até hoje. Depois dela passei a encarar com mais serenidade o fluxo das ações e suas consequências em minha vida, diminuindo as expectativas para com as situações e as pessoas, mas sem jamais perder o prazer em viver e dedicar-me às tarefas que são importantes e que me dão prazer na vida. Incrivelmente, todas as coisas que eu sonhava realizar naquele instante e que pareciam distantes e fugidias, foram realizadas plenamente em minha existência.

A quarta e última HQ baseada no I Ching e publicada em Oráculos foi a *“A Oposição”*, narrativa visual de 5 páginas inspirada no hexagrama 38 – K'uei / Oposição, que em seu texto síntese diz:

Este hexagrama se compõe do trigramma superior Li, a chama que arde tendendo para o alto, e do trigramma Tui, o lago, que flui para baixo. Estes movimentos são antagônicos. Além disso, Li é a



segunda filha e Tui, a filha mais moça. Apesar de habitarem a mesma casa, pertencem a homens diferentes; por isso suas vontades divergem e buscam objetivos em direções opostas (WILHELM, 1984, p.125).

A reflexão sobre K'uei levou-me a uma introspecção que culminou em uma reavaliação das dificuldades relacionais com pessoas próximas, sobretudo familiares, e também sobre o que convencionou-se chamar de amor. Dessas reflexões surgiu o mote para a HQ de cinco páginas que visou metaforizar a aparente oposição e tensão existente entre os princípios cósmicos positivo e negativo, e o esquecimento do terceiro princípio, o da neutralidade, que complementa justamente a união desses polos aparentemente opostos. A HQ inicia representando os dois polos como uma figura negativa/obscura/monstruosa e outra positiva/luminosa/voluptuosa, os dois seres se tocam nessa primeira página e o texto diz: *“Da mesma substância fluem os opostos.”* A arte da segunda página (Figura 12) mostra os dois seres unidos conectados no centro pela imagem do ovo cósmico, representando a unidade astral absoluta, um yin-yang que simboliza a força neutra, o terceiro princípio equilibrante. Nessa página o texto diz: *“Distantes na aparência.”*



Figura 12 – Página 2 da HQ A Oposição, de Edgar Franco (Ciberpajé), arquivo do artista.

A terceira página apresenta a repulsão entre esses aparentes opostos, com o monstro avançando sobre a criatura luminosa. O texto emenda: *“Unos na transcendência”*. Na quarta página os opostos se tocam suavemente e uma espécie de cordão umbilical os une – o princípio da neutralidade representado aqui -, demonstrando que são, na verdade um só ser. O texto da página 4 diz: *“O conflito é a semente cósmica...”* Finalmente a página final mostra uma imagem aparentemente grotesca mais que simboliza a total unidade que provém da união dos 3 princípios, denotando que a polaridade é só uma ilusão de nossa cultura humana. Nela vemos o princípio positivo engolindo a cabeça do princípio negativo enquanto ele o abraça ternamente em um ciclo eterno. E o texto conclui: *“...do equilíbrio.”* A página 5 conclui com a arte do hexagrama. Com a criação de *“A Oposição”* aprendi a lidar melhor com os conflitos que sempre farão parte das nossas relações de qualquer ordem e a



entendê-los como necessários para o nosso crescimento rumo à integralidade de ser.

As 4 HQs inspiradas no I Ching e publicadas em Oráculos são obras genuínas do gênero poético-filosófico dos quadrinhos, apresentando as características básicas desse gênero brasileiro apontadas por Elydio dos Santos Neto (2010): “1. A *intencionalidade poética e filosófica*; 2. *Histórias curtas que exigem uma leitura diferente da tradicional*; 3. *Inovação na linguagem quadrinhística em relação aos padrões de narrativas tradicionais nas histórias em quadrinhos.*” Mas para além dessas características estilísticas, essas obras envolveram uma dinâmica criativa que foi engendrada a partir de um processo artístico-terapêutico-mágicko em que o objetivo fundamental foi o de utilizar o oráculo I-Ching e o processo criativo artístico como meios de autotransformação pessoal. A arte encarada como legítimo processo de cura e recriação da percepção pessoal da realidade, artemagia!

Referências

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco; Poética*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

FRANCO, Edgar. *Quadrinhos Expandidos: das HQtrônicas aos plug-ins de neocortex*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2017.

FRANCO, Edgar. *Oráculos*. São Paulo: Criativo, 2017.

FRANCO, Edgar. “**Panorama dos Quadrinhos subterrâneos no Brasil**”. In. CALAZANS, F. M. A. (Org.). *As histórias em Quadrinhos no Brasil: Teoria e Prática*. São Paulo: Intercom/Unesp/Proex, 1997, p. 51-65.

FRANCO, Edgar. *Perspectivas Pós-humanas nas Ciberartes*, Tese de Doutorado em Artes. São Paulo: ECA/USP, 2006.

SANTOS NETO, Elydio dos Santos. “**O que são histórias em quadrinhos poético-filosóficas? Um olhar brasileiro**”. In *Visualidades – Revista do Programa de Mestrado em Arte e Cultura Visual da FAV/ UFG*, Vol. 7 n. 1, Jan/Jun 2009. Goiânia, GO: UFG, FAV, 2009, p.68-95

WILHELM, Richard. *I Ching, o livro das mutações*. São Paulo: Pensamento, 1984.

Recebido em 20/02/2023, aceito em 06/03/2023